

nem aproveis ou gabeis quem o tenha feito. Não este-
jaes nos logares sagrados com pouca decencia. Não met-
taes ao proximo pouca estimação das cousas sagradas com
apodos ridiculos. Não dissimuleis por frouxidão com o
ensino de vossos filhos e servos. Não gasteis com demasia
no jogo, nas merendas, nas galas. »

Tão boa doutrina aproveitou muito a este menino,
que veio a ser depois verdadeiro homem de bem, cava-
lheiro muito prezado da sociedade.

Attenções respeitosas contra estouvamento grosseiro

Na Igreja, como em toda a parte, deveis dar a pre-
cedencia ao Ecclesiastico, aos velhos e ás senhoras.
Noutro tempo seria inutil esta recommendação, mas,
como hoje a gente moça é menos reverenciosa do que
dantes era, não será ella fóra de proposito e a este re-
speito vos contarei uma anecdota que se passou diante de
mim. Vinha eu uma noite com um veneravel Ecclesiastico
octogenario, que estivera emigrado em Portugal, e que por
isso folgava muito de conversar commigo ; um moço es-
tonteado, que ia ás carreiras, passa junto de nós atro-
pelladamente, empuxa o pobre velho, qua ia com a sua
batina, e se não fosse eu que o sustive cairia na lama. O
bom do Padre, que apesar de velho, ainda tinha força,
agarrrou no braço ao moço, fêl-o parar, e disse-lhe :

« Mancebo, se não respeitas o Sacerdote, respeita o
velho. » Ficon o moço espantado, tirou muito depressa
o chapéo, e pediu mil perdões. Espero, meu filho, que
nunca terás semelhantes descuidos, mas se por ventura
os tiveres, muito estimarei que encontres um homem tão
sensato como aquelle veneravel Ecclesiastico, e rogo-te
muito recebas com docilidade sua admoestação, e que
lh'a agradeças com urbanidade.

Ignacio Roquette.

Efeitos nocivos dos banquetes

Os inconvenientes ou efeitos nocivos dos convites e
banquetes, em que se dão excesso se não se guardam as
regras de sobriedade e decencia christãs, resumiu-os um
discreto auctor nos seguintes pontos, que aqui vão em
ordem alphabetica.

Amizades falsas e mal fundadas.

Bailes descompostos.

Canções profanas.

Desprezo das cousas divinas e espirituaes

Ebriedade ou destemperança no beber.

Fazenda dissipada.

Gula accrescentada.

Honra envilecida.

Iras com o proximo.

Luxuria provocada.

Murmuração e mofar dos ausentes.

Negligencia para tudo o que é serviço de Deus.

Ostentação vã de riquezas.

Porfias e altercações sobre nada.

Queixar dos servos e ministros e também do que deu
o banquete, tanto que passou a festa.

Revelação dos segredos.

Saude estragada.

Tempo perdido.

Vileza de animo e costumes.

Zombarias indecentes.

Dedicação de um menino

Como a polidez é um reflexo da bondade do coração, vamos dar aqui alguns rasgos admiráveis de um menino que se tornou notável pela sua extraordinária dedicação ao bem de seus semelhantes.

No anno de 1849 houve um terrível inverno em toda a França, e que se fez não menos sentir em Versalhes. O grande tanque dos Suissos estava todo gelado, e parecia convidar os meninos a transportarem os seus brinquedos para cima do gelo. Os meninos facilmente se deixam levar de seus caprichos, sobretudo quando se trata de divertimentos; o prazer torna-os temerarios e não lhes deixa ver o perigo; assim que, não faltavam d'esses

jovens loucos sobre o grande tanque dos Suissos que luzia ao sol como um immenso espelho. Corriam, empuxavam-se uns aos outros, escorregavam, caíam, levantavam-se promptamente; disputavam a quem havia de resvalar com mais garbo e firmeza, e quando algum d'elles menos destre, dava uma queda sem que lhe acontecesse mal nenhum, era uma risada geral dos espectadores, que augmentavam o seu folgado deixando-se cair uns em cima dos outros.

Entre os que de fóra estavam vendo o brinquedo sem nelle tomar parte, estava um estudante da mesma idade que elles, de quem todos faziam escarneo porque não era brincalhão como elles, não os acompanhava em seus divertimentos, e quasi que o alcunhariam de fraco e cobarde, se elle não tivesse a reputação d'um vigoroso decurião, que com quatro bofetões os faria logo entrar na razão. Tinha Roberto uns treze annos e nunca soubera resvalar no gelo, porque não achava bom esse divertimento senão para dar cuidados a seus paes, e expôr-se a quebrar um braço ou uma perna; mas, em desforra, tinha aprendido a nadar como um peixe, porque lhe tinham dito que era uma prenda muito util em varias occasiões, não fosse senão para salvar a vida de seus semelhantes.

Os companheiros zombavam, em meia voz, de Roberto, que não dava por isso, e parecia absorvido em pensamentos muito mais sérios.

Eis senão quando de repente as loucas gargalhadas dos meninos mudam-se em quatro espantosos gritos, aos

quaes respondem, da borda do tanque, outros tantos ais não menos lamentáveis. Tinha estalado o gelo com grande fracasso, e brilhára em estilhaços debaixo dos que andavam resvalando, como os raios d'uma estrella; abri-
ra-se um rombo em que iam ser absorvidos os imprudentes que se tinham arriscado sobre um tão fragil pavimento, e que nenhuma força humana podia fazer parar no rapido impulso que elles mesmos se tinham dado. Quatro infelizes meninos desapareceram debaixo do gelo. Eram geraes o espanto e a dôr, e comtudo ninguem, pessoa nenhuma, corria para lhes acudir; seus camaradas tinham fugido á vista do perigo que os ameaçava a todos. Engano-me; havia ali perto um rapaz que a toda a pressa descalçava os sapatos e despia a vestia; em tres saltos atravessava a multidão espavorida, que não tinha dado por elle, quando já mergulhava na agua gelada. Não o viram senão quando, passados alguns minutos, saiu do fatal rombo, trazendo pelos cabellos um dos afogados, que pôz sobre a relva. Este intrepido moço era Roberto. Um grito de admiração e de alvoroço soou então de todas as bocas. Porém Roberto, como se tal não ouvisse, lançou-se outra vez em busca do segundo afogado, que não tardou a trazer á vida.

Estava meio morto de canção e de frio, mas assim mesmo não se pôde conter, e mergulhou terceira vez no medonho sorvedouro; mas d'esta vez demorou-se mais, até que finalmente, pallido, vacillante, tremulo, vem pôr junto das duas outras a sua terceira conquista; mas em

que estado vinha elle?! tremia como varas verdes, tinha a camisa gelada sobre a pelle, os cabellos eriçados, com pedaços de gelo, os beiços roxos e os olhos fechados. Veio cair quasi expirante, ao pé dos que tão nobremente tinha salvado.

Entretanto veio correndo uma mulher toda lavada em lagrimas, que feria os ares com este grito: «Meu filho! onde está meu filho!» Era a mãe de Roberto! Ella encontrou seu filho, mas no horrivel estado em que acabou de vol-o pintar. Meninos, se por ventura comprehendestes bem o que é o amor d'uma carinhosa mãe que não vive senão para seu filho, que vae morrer se elle morre, imaginae quaes seriam as dôres e afflicções d'esta! Lança-se sobre o querido filho, aquecendo-o com o seu corpo, com o seu bafo maternal; supplica-lhe que abra os olhos, e que lhe dê o doce nome de mãe. Roberto abriu então a custo desfallecidos olhos, estendeu-lhe a gelada mão, e soltou estas palavras: «Minha mãe!...» Recobrou a existencia ao ouvir aquella voz querida que lhe pedia que vivesse.

Mas ainda não é tudo; havia ali duas mães, a de Roberto e a do quarto companheiro que elle não podera salvar, e que, sem duvida, naquelle momento acabava de morrer debaixo do gelo. Esta pobre mãe tinha tambem acudido ao lugar do sinistro, debulhada em lagrimas, tinha chamado seu filho, mas seu filho não respondera; tinha-o procurado entre os que foram salvos, mas nenhum d'elles era seu filho. Desditosa mãe! Quasi que tinha

inveja da outra mãe mais venturosa do que ella; quasi que malqueria a Roberto de ter salvado os outros tres meninos, e não ter salvado o seu. A desesperação se apodera d'ella; a infeliz vae lançar-se no fatal sorvedouro, para expirar junto de seu filho, quando Roberto, que já tinha recobrado algumas forças, soltando-se dos braços de sua mãe, segura a outra pelos vestidos, e, prometendo-lhe que lhe ha de restituir seu filho, lança-se pela quarta vez por baixo do gelo.

Dous mortaes minutos se passaram á espera; e nada... Roberto não apparecia. Oh! Então verieis o mais compungente espectaculo do amor maternal; verieis aquellas duas mães, qual d'ellas mais afflicta, e mais delirante, uma das quaes parecia dizer á outra: «Vós mataes o meu filho para salvar o vosso!» E a outra que, com olhos espavoridos, e juizo perdido, não achava outra resposta que dar senão estas palavras:

« Meu Carlos, meu querido Carlos! »

Scena era esta para fazer chorar pedras.

Eis-aquí, pois, a que vós expondes vossos paes com vossos brincos imprudentes, inconsiderados meninos!

Roberto ainda não apparecia, e os olhos de todos os circumstantes, fitos no tanque, davam mostras de uma inquietação que a cada instante augmentava; finalmente, a certa distancia da abertura por onde elle se tinha precipitado, ouviu-se um rumor surdo como o d'uma cabeça que forceja por quebrar o gelo para abrir passagem. Para logo se põem mãos a obra; com auxilio d'um má-

chado, rompe-se o gelo naquelle logar, e eis que apparece o sublime vencedor com o seu Carlos, o filho d'aquella senhora que não podia acreditar o que viam seus olhos, ia d'um a outro e não sabia a qual d'elles havia de chamar seu filho. Emquanto a outra, a mãe de Roberto, a quem todas as bocas davam louvores, hesitava ella entre os choros da tristeza e as lagrimas d'um justo orgulho; quanto direito não tinha ella de se desvanecer de seu filho!

Emquanto passam estas cousas no tanque dos Suissos, houve tempo de preparar para Roberto roupa quente com que se vestiu logo que saíu da agua. Reanimáram seu corpo extenuado, apenas sustentado pela consciencia d'uma grande e bella acção; levaram-no depois, escoltado com os seus quatro trophéos para a casa mas proxima do tanque dos Suissos; e ali foi objecto da admiração e dos desvelos das pessoas mais distinctas da cidade, que todas foram visital-o.

Outra vez, andando Roberto a passear nas margens do rio Oise, nas proximidades da Ilha-Adam, viu elle dous rapazes, pouco mais ou menos da sua idade, os quaes, tendo desemarrado um barco velho, que estava na borda do rio, metteram-se dentro d'elle em pé numa das extremidades, e posto que elle fizesse agua por todas as juntas, com uma vara comprida fizeram-no vogar para o meio do rio. Em vão os advertiu Roberto do imminente perigo a que se expunham; não contentes de lançar o barco na veia da corrente, divertiam-se a balanceal-o

com os pés, para um lado e para outro. Mas este brin-
quedo imprudente durou pouco, porque o barco virou-se,
encheu-se d'agua, e foi para o fundo num abrir e fechar
de olhos, sem que os dous imprudentes tivessem tempo de
dar um grito. Felizmente que Roberto, prevendo o que
ia acontecer, não se tinha afastado para longe. Um dos
rapazes debatia-se ainda em cima d'agua, quando Ro-
berto despe promptamente a vestia, tira os sapatos,
lança-se ao rio, e o traz para terra num átimo. Do outro
rapaz não havia signal, a agua parecia morta por cima
d'elle, nada annunciava o sitio onde podia estar. Ro-
berto, como quem possui o instincto innato da salvação
de seus semelhantes, pensou que o infeliz moço devia
estar debaixo do barco, que sem duvida o esmagava com
todo o seu peso; e não vendo ninguem na margem do rio
que o podesse ajudar, tomou a resolução de fazer elle só
a difficil operação de levantar o barco, e tirar para fóra
o afogado. Finalmente, depois de mergulhar vinte vezes,
e ficar debaixo d'agua muito tempo, sem tomar respi-
ração; depois de arriscar a propria vida debaixo do
barco, que por pouco o não afogou mortalmente; depois
de mil esforços incriveis e reiterados, conseguiu alfin
safar o segundo afogado, que infelizmente já não tinha
apparencia sinão d'um cadaver. Roberto, porém, quando
o pôz sobre a relva, não se deu por vencido, e não o
abandonou; elle sabia que os afogados, assim como
todos os asphyxiados, gastam tempo a tornar a si, e al-
guns ha que só no fim de vinte e quatro horas recobram

os sentidos. Começou por pol-o em posição horizontal,
com a cabeça mais alta que o peito, um pouco inclinada,
de modo a fazer-lhe lançar a muita agua que tinha
bebido; despiu-o, e fez-lhe fricções por todo o corpo; e
como não tivesse ali os soccorros necessarios, pegou
nelle ás costas, e levou-o para Ilha-Adam, que ficava
distante obra de meia legua, levando pela mão o outro
afogado que salvara. Cada um que o via entrar assim na
villa ficava indeciso entre a dôr e admiração que inspi-
rava aquelle espectaculo. Disputavam-se os habitantes a
honra de lhe abrir cada um a sua porta, e de o ajudar
a concluir a sua obra de admiravel dedicação, porque
nada é communicativo como a vista d'uma acção gene-
rosa. Bem fizera elle de não desesperar do afogado, junto
do qual esteve sempre desvelado até que teve o gosto de
o ver abrir os olhos, apertar-lhe a mão de amigo, e re-
cobrar os sentidos, escapando assim a uma morte certa
se não fôsse a dedicação e a constancia de Roberto.
Todos o felicitavam cordialmente com admiração e pasmo;
uma tal dedicação a todos parecia extraordinaria, acima
de tão tenra idade, superior á propria natureza; elle só,
Roberto, achava isto muito natural, e admirava-se da
admiração dos outros.

Viram-no depois, num incendio, lançar-se por entre
as chammas e o fumo, e trazer nos braços um menino que
estava no berço; entregal-o á sua consternada mãe, e
correr a salvar um velho paralytico cujo leito já as
chammas envolviam; por duas vezes o viram saltar com

pé ligeiro por cima das traves meio queimadas que se abatiam com fracasso logo que elle passava onerado com os penhores da sua dedicada bondade. Bem se pôde imaginar, que aquelle que assim expõe sua vida pelos seus semelhantes tambem não terá duvida de lhes abrir a bolsa quando tiverem necessidade; assim que, quando tem dinheiro, é franco em offerecer áquelles a quem salvou a vida, de tal sorte que duas vezes lhe devem a existencia.

Por este e outros illustres feitos recebeu Roberto, em menor idade, todas as recompensas que a terra, emquanto não chegam as do céu, pôde outorgar a tão admiravel proceder. Seu peito estava coberto de medalhas que recordavam cada um dos seus importantes serviços feitos á especie humana; o premio Monthion ⁽¹⁾ lhe foi conferido, e só foi para elle nova occasião de liberalisar beneficos, porque distribuiu quasi toda a somma recebida pelos desgraçados que salvara da agua e do fogo; recebeu finalmente a cruz da Legião de Honra, nobre emblema ganho salvando homens, e que, por certo, não vale menos que o que se ganha destruindo-os.

(1) Antonio João Baptista Roberto AGUET, barão de *Monthion*, celebre pelas fundações por elle feitas em favor das letras, das sciencias e dos estabelecimentos de caridade; nasceu em Paris a 26 de Dezembro de 1733, d'uma illustre familia; togado, entrou moço na magistratura, foi muito favorecido da fortuna; morreu em Paris em 1820, na idade de 87 annos. Entre os premios que fundou, ha um de 2.000 francos para o Francez que, em cada anno, praticar a acção mais virtuosa; foi este o que ganhou Roberto.

•Respostas mansas

Passando o venerando padre Pascoal Broeto com um seu companheiro por onde estavam uns segadores, gente rustica e mal educada, começaram estes a dar-lhe vaia e apupal-o, chamando-lhe hypocrita e outros nomes injuriosos. Parou o Padre, arrimando-se ao bastão, a modo de quem quer lograr uma boa musica; até que elles cançados se caláram. Disse-lhes então com rosto alegre: *Deus vos faça bem a todos, e vos abençoe.* E feito o signal da Cruz, lhes lançou a benção. Elles admirados ajoelharam, e pediram perdão de sua loucura.

A este caso, que vem no Padre Manoel Bernardes, podemos ajuntar outro, não menos admiravel, de S. Francisco de Sales.

Passou assim: Mostrava-se certo senhor de qualidade muito exigente com o santo Prelado, em cousa em que este não podia satisfazel-o; pelo que ira-se muito, e entra a affrontal-o com palavras pesadissimas de injuria, as quaes recebia o manso Bispo com animo tão prazenteiro, como se foram perolas ou flôres que sobre elle chovessem. Afinal disse-lhe com singeleza e humildade:

— *Ora saiba, senhor meu, que se vossa senhoria me arrancasse um olho, eu pelo outro o olharia ainda com o mesmo agrado e affeição.*

Foi agua na fervura! O fidalgo amaciou logo a cólera, e saiu todo confuso...

Horas de somno

É dito commun e proverbial portuguez:

Quatro horas dorme o santo,
E cinco o que não é tanto;
Seis ou sete o estudante;
Oito ou nove o caminhante;
Por dez horas dorme o porco;
Mais do que isso o que está morto.

Um remoque tremendo

Recommendo-vos que nunca trateis com desprezo nenhuma classe da sociedade, ou seja superior ou inferior á vossa, nunca façaes comparações de que resulte menoscabo para alguma d'ellas, e sobre tudo nunca lhe deis em publico epitheto injurioso, ainda que o uso o auctorise.

Para vos convencerdes da importancia d'este conselho, contar-vos-ei uma anecdota que diz mais que um longo discurso.

No tempo em que o celebre Talleyrand estava no galarim, que era tambem no tempo em que os militares eram as primeiras pessoas em França, e tratavam de resto todos os que não vestiam farda, chamando-os de *pekinos*, convidou elle um dia para jantar

um general de Napoleão; chegou este mais tarde da hora dada, e vendo que os mais convidados estavam á sua espera, e o dono da casa um pouco zangado, pediu-lhe muitos perdões, dizendo: « Encontrei no caminho um *pekino* que me fez demorar.—O que entende V. Ex. por *pekino* ? disse Talleyrand.

— Nós chamamos *pekino* a tudo o que não é militar. — Ah! e nós chamamos militar a tudo o que não é civil.» Ficou corrido o militar, sem saber o que havia de dizer. Não vos exponhaes nunca a ouvir semelhantes remoques, que são bofetadas sem mão.

Boa resposta

Havendo fallecido D. Henrique de Menezes, que governava a India, com fama de valor e justiça, falou-se de suas prendas em roda de outros fidalgos, e saiu um taxando nelle certo defeito. Porém acudiu Hector da Silveira, dizendo :

— Outro defeito maior tenho eu sabido de D. Henrique: foi não desterrar da India quantas más linguas havia !

Grande polidez de uma Escola Militar

Quando Napoleão estava no maior auge de sua gloria, fundou no antigo paço de São Germano *en Laye* uma escola de cavallaria, onde só podiam entrar os filhos

dos primeiros e mais ricos fidalgos da côrte imperial, e dos diferentes Estados então unidos á França. Os primeiros mancebos ali reunidos prometteram corresponder á idéa aristocratica do fundador, e deliberaram entre si qual seria o meio de sobresaír a todas as outras escolas... Observar a mais severa disciplina, mostrar zelo e valor no serviço e nas manobras, anhelar pelo momento de poder applicar nos campos de batalha á pratica a theoria, seria não se differençar da *escola d'infanteria de Saint-Cyr*, rival da de *Saint Germain*, que andava em fôro de *incomparavel*... Decidiram pois unanimemente que se podiam ter maneiras militares e não soldadescas, que se podia ter desplante militar sem o descaro de tarimba; deram-se palavra de não *fumar*, de não se tratarem por tu, de não beber cognac e de não praguejar...

Observou-se á risca este regulamento. Foram raras as infracções, e punidas pelos proprios alumnos, que, segundo o costume dos jovens legisladores, se mostraram rigidos observadores das leis que elles mesmos se tinham imposto, e provaram dentro em pouco tempo que se podia amansar um cavallo sem usar do estylo dos moços da cavallariça; ter amigos, sem se tratar com familiaridade descortez; resistir ás fadigas da guerra, sem se embriagar; e desenfadar-se, sem recorrer ao cachimbo, ou ao cigarro... Este facto te prova que a vontade constante vence tudo, e que justificar-se com máos exemplos é mostrar-se fraco e pusillanime.

Impostores de sciencia

Lipsio diz que era costume na milicia romana, quando algum soldado blasonava da façanha que não o rara, castigal-o o tribuno com o venablo, e com nota de infamia; se houvera de andar semelhante correcção pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos eram necessarios. Não lhes falta todavia o castigo no riso e desestimação dos que os conhecem. O padre Hieremias Drexelio, no seu Phaetonte, traz dous graciosos casos que comprovam o intento. O primeiro succedeu ao insigne Thomaz Moro; sendo enviado a Carlos V, que assistia então em Bruxellas, se encontrou na aula do Cesar com um d'estes ostentadores, o qual se atreveu a fixar um cartel em que promettia responder em certo dia e logar a qualquer ponto ou questão de humanas letras, que lhe fosse perguntada.

Thomaz Moro, para rebater a soberba thrasonica do homem, lhe propôz esta pergunta: Se os animaes caçados em Withermania são irreplicaveis?

Pasinou o miseravel, ouvindo a proposta e como nem o sentido d'ella entendia, não pôde dizer palavra. E começaram logo os assobios e risadas do auditorio; com que de todo perdeu a confiança, lucrando na sua humilhação o seu desengano.

O outro caso succedeu ao padre Jorge Scherer, da companhia de Jesus, com o Dr. Paulo Florenio, apos-

tata de certa religião. Gloriava-se este de mui versado nas linguas grega, hebraica, syriaca, chaldaica e outras muitas. Viera á mão do padre Scherer uma nômima, das que as velhas costumam pendurar ao peito dos meninos por defensivo de febres ou casos desastrados; estava escripta em caracteres desconhecidos, e quiz averiguar o que continham, para o que foi valer-se da pericia do Dr. Florenio, que a fama celebrava. Mostrou-lhe o papel, e elle, sem muita detença, affectando conhecimento antigo d'aquella especie de caracteres, disse:

— Estas são palavras dos sacerdotes egypcios, que usavam no rito dos seus sacrificios.

Voltou o padre para casa, e porque suspeitava já a mentira, fez segundo exame nesta fórma. Escreveu em outro papel tres palavras da sua lingua materna (que era allemã) viradas as letras da ultima para a primeira.

Ponhamos o exemplo traduzido em portuguez, para vermos melhor o extraviado da interpretação que lhe foi dada: — *andam os patos sem sapatos*. Inversa a ordem das letras, dizia: — *madna so sotap mes sotapas*.

E logo tomou por companheiro o padre Christiano, que lia theologia, e o fez participante do segredo. E foram buscar a interpretação do mesmo oraculo.

E elle, nada menos confiado, respondeu:

— Isto é o mesmo que tenho dito a V. P. do outro papel: São formulas que usavam os Egypcios quando sacrificavam.

Ouvindo isto, o padre Christiano tomou depressa a porta, porque não podia reprimir o riso; mas o padre Scherer, representando sisudeza, lhe rendeu as graças pelo beneficio, e saiu com o desengano que desejava.

Eis aqui os tribunos da milicia literaria castigando os sollados que blasonam falsas valentias.

Padre Manoel Bernardes.

Velhacaria santa

Ao seraphico padre S. Francisco mandou o superior que não dêsse o habito, porquanto a cada passo o dava, e ficava necessitado de outro; que o espirito de Deus, como traz comsigo a calma do seu amor, folga de se despir, e não atura muita roupa.

Encontrou pois o Santo com um pobre que estava quasi nú, e se poz a olhar para elle de vagar; porque a pobreza era a sua amada esposa, em cuja formosura se espelhava e comprazia. Mas o pobre, desconfiando da acção, e não penetrando o espirito com que era feita, disse:

— Que olha, padre? Zomba da pobreza? melhor será cobrir-me com esse habito!

Respondeu o santo:

— Dal-o não posso, porque m'o prohibe a obediencia; porém se vós o tomardes, eu não estou obrigado a defendel-o.

Palavras não eram ditas... levantou-se o pobre, e despiu ao santo.

Os santos são tafues de caridade e não se podem conter que não joguem em se offerecendo occasião. E para isso usam também de seus saberetes e trapaças espirituaes, pegando-se, não á letra que mata, mas ao espirito que vivifica. Em um e outro caso paralelo se verificou a sentença de S. Agostinho: que sempre tem modo de dar quem tem o coração cheio da caridade.

Lampreias.

Principes e magnates (ordinariamente falando) foigam que os seus manjares sejam exquisitos, e conduzidos de remotas partes, os quaes, servindo ao seu gosto, reconhecem e protestam d'este modo o seu poder. Em despesas não reparam; antes será por ventura descredito da sua mesa o que custa barato, ainda que na bondade seja o mesmo.

Dizia mui devéras certo fidalgo ao seu comprador: « Se me trazes aqui perdiz por menos de dous tostões, te hei de quebrar a cabeça. » Particularmente as lampreias chegaram a tal estimação entre os Romanos, que lhes edificavam viveiros em suas quintas e palacios, com trabalho e despesas incriveis.

Os de Marco Hircio, de que tirou seis mil lampreias

para as ceias triumphaes de Cesar dictador, se compraram depois por cem mil cruzados.

Lucio Luculo fez furar um monte para metter por dentro d'elle um rio que viesse servir aos seus viveiros; e concertou com o architecto, que, sem perdoar a gastos, lhe abrisse minas, que, desembocando no mar, que ficava bem distante, podessem admittir cada dia as enchentes da maré, para refresco dos seus viveiros, porque dariam assim criação mais saborosa.

Lucio Crasso, por lhe morrer uma lampreia do seu lago, a quem queria bem, deitou dó, e a carpir muitos dias. E a um seu collêga, que o motejou d'este vicio no senado, respondeu confiadamente não ser indigno do seu cargo de censor aquelle officio de piedade.

Da mesma demonstração usou Hortensio orador com outra lampreia morta; e Antonio Drusi com outra, a quem costumava enfeitar com arrecadas e gargantilhas; e depois lhe celebrou funeral com lagrimas vivas.

Se a alguém lhe parecerem estas cousas incriveis, lembre-se do que passa (não entre gentios, mas christãos) com o amor a cachorrinhos de estrado, que se adoecem os deitam em cama regalada, e os mandam visitar por pessoa intelligente; e se morrem, os mandam enterrar envolvidos em preciosas toalhas de pontas, acompanhando-os com mui sentidas saudades.

Porque é justa pena nossa a permissão de Deus, que o amor que lhe negamos a Elle e a nossos proximos, o donhamos em cães e outros brutos animaes

Mas tornando á estimação das lampreias : já houve uma que se comprou por trinta cruzados. E foi o caso que, residindo El-Rei D. Affonso de Napoles em Tivoli, cidade distante quatro ou cinco leguas de Roma, veio aqui o seu comprador a encontrar-se com o do Papa sobre a compra de uma lampreia, cujo dono, como os viu empenhados em não ceder um ao outro, disse que a levaria quem mais dêsse. O do Pontifice prometteu tres cruzados; o de El-Rei dobrou a parada, promettendo seis. Tornou aquelle a offerecer dez, e este offereceu vinte.

Disse então o dono :

— Quem chegar a trinta leva o peixe.

Aqui titubeou o comprador do Papa ; mas o de El-Rei, sem reparo algum os contou logo : o qual lhe louvou a acção quando lhe referiu o que passara.

Lendo-se este caso á mesa de Mathias, rei de Hungria, disse gravemente :

— Pois se El-Rei D. Affonso louvou a acção, eu não acho que louvar nella; porque d'esse modo publicou o servo a gula e fausto de seu senhor. Menos mal fizera se, depois de comprada a lampreia, a largasse para o Pontifice.

Padre Manoel Bernardes.

Grandioso presente

O inclito rei D. Manoel, de feliz recordação, quando se viu dominador dos reinos do Oriente, de sorte que podiamos dizer que as azas do sol se mediam com o seu imperio, e que aquelles povos infieis se não confederavam contra a potencia de suas armas mais que para ser d'ellas triumpho e ouvir os annuncios da palavra evangelica, então folgou de submeter toda esta grandeza aos pés do summo pontifice Leão X, por seus embaixadores particulares, tributando-lhe justamente as primicias riquezas do Oriente.

O principal d'elles era Tristão da Cunha, a quem faziam lados outros dous, a saber, Diogo Pacheco e João de Faria, desembargadores, e outros cincoenta cavalleiros. E era em todos tanta a riqueza e lustre, que até havia sellas, freios, peitoraes e estribos de ouro de martello, com pedraria fina e perolas a montes.

Todos os embaixadores dos principes christãos que se achavam em Roma, e o governador da mesma cidade, e muitos Bispos e familias dos Cardeaes, e outra innumeravel nobreza, deram novos augmentos a esta pompa, e o mesmo Papa quiz lograr o vistoso d'esta entrada, desde o castello de S. Angelo.

Levavam-lhe um presente em um grande e preciosissimo cofre, coberto com panno de ouro, e nelle debuxadas as reaes quinas, posto sobre um elephante, o

qual, tanto que avistou o summo pontifice, ajoelhou tres vezes, ensinado pelo nayra, que de cima o governava, e logo, mettendo a tromba em um grande vaso de agua que ali estava prevenido, borrifou os cardeaes e outras pessôas que estavam pelas janellas, e o mesmo signal de festa usou com o mais povo que estava apinhado pelas ruas.

Em outro dia foi recebida a embaixada, orando elegantemente o Pacheco em consistorio; e no fim da oração, o Papa exaltou com excessivos louvores as prendas de El-Rei D. Manoel, e o catholico zelo com que naquelle novo mundo solicitava propagar o imperio de Christo e gloria de sua santa Igreja.

Em outro dia se abriu o cofre, tornando a ajoelhar o elephante diante de Sua Santidade.

Encerrava um ornamento pontifical inteiro, não só para a pessoa do Papa, mas para todos os seus ministros; era todo de chaparia e figuras de ouro e pedraria preciosa, e a trechos umas romãs de rubins escaçadas; e sendo a materia tal, ainda dos primores de arte era vencida; iam juntas outras riquissimas joias, e ducatoes de quinhentos escudos de ouro, como para entulho. Avaliaram alguns o presente em um milhão, o qual veio a ser dos que saquearam Roma.

Finalmente Alberto de Carpe, escrevendo ao imperador Maximiliano, como seu embaixador que então era, diz na sua carta este capitulo:

« Todo o povo universal de Roma concorreu por ver esta novidade; e não é maravilha, porque poucas vezes ou nunca succedeu enviarem principes christãos a Roma tão magnifico apparato. »

Padre Manoel Bernardes.

Benignidade real

Usou de grande benignidade em certa occasião El-Rei de Portugal D. João II. Pedira elle de beber, e ao administrar-lhe a taça um fidalgo velho que o servira com satisfação nas guerras d'Africa, succedeu cair-lhe o vaso da mão já tremula. Sorriram-se alguns cortezãos, que assistiam á real mesa, sobre os quaes voltando El-Rei os olhos com algum peso de severidade, disse:

— De que vos rides? Se aqui lhe caiu da mão a taça, não lhe caiu a lança em Africa.

Com esta discreta razão ficaram elles reprehendidos, e o velho consolado.

Os lisonjeiros

Os lisonjeiros sempre tomam as dôres por parte de seu Principe. Para onde quer que este incline o coto-velo, acodem logo a pôr debaixo almofadinha, como diz a Escriptura. E como o fazer a vontade propria é cousa

tão gostosa, e os Príncipes que estão acostumados a fazel-a, têm cobrado maior força, d'aquí vem que, se se não precatam com toda a reflexão e vigilancia, d'esta peste dos aulicos aduladores, impossivel é não se embriagarem com veneno tão doce, tão occulto e tão domestico.

Atenção delicada

Passando El-Rei D. Sebastião do Paço de Xabregas para o Mosteiro, chegou uma mulher a apresentar-lhe um memorial.

Recebeu-o, e entregou-o a um dos officiaes que o acompanhavam.

Ella affligida disse : *Corre minha honra perigo na tardança*. Pôz nella os olhos El-Rei com aquelle affecto de pae, que foi tão proprio de seus antepassados para com seus vassallos ; pediu recado de escrever, e ali mesmo despachou o memorial, dizendo : — *Os negocios d'esta qualidade em toda a parte devem ter despacho prompto*.

Padre Manoel Bernardes.

Luxo no trajar

É notavel o seguinte caso de D. João de Castro, Governador da India. Estando de partida para aquelle Estado este memoravel heróe, ao passar por uma rua de

Lisboa, viu á porta d'um alfaiate um jubão riquissimo. Pediu que lh'o mostrassem, perguntou de quem era ; respondeu o official, que era de um filho de Sua Senhoria, que se embarcava para a India. Como isto ouviu o fidalgo, pegou da tesoura que ali estava, e fez o jubão em tiras, e disse :

— Dizei a meu filho que compre armas e mais armas, que estas são para homens, e isso é só para mulheres.

Este Castro, commenta o Padre Bernardes, é uma das animadas estatuas que ennobrece o templo da fama... Foi o que, para defender Dio cançada com tão prolongado sitio, pediu a Goa vinte mil pardaus prestados sobre uma guedelha de sua barba, que cortou e enviou na carta ; e a cidade lhe tornou a mandar tão veneravel penhor, juntamente com o subsidio que pedira, avantajado.

Como o nosso Castro era tal, queria tal o filho... E os vestidos molles ou suppõem, ou fazem molle tambem o espirito ; nem ao corpo se daria tão especioso culto de galas, se ao animo se dêsse cultura de virtudes, como diz S. Bernardo.

Disse que os jubões ricos, eram só para mulheres, porque falava em tempo em que ellas traziam jubões. Hoje, quem se não acautela de levantar os olhos, o que vê não são jubões, senão uma menção d'elles, ou uns principios que o intentavam ser, mas cortáram-lhe as esperanças, por se não afogar a vaidade, que quiz nadar nua

à sua vontade. O mais anda como na seita dos hereges Adamianos, que professam a desnudez de nosso pae Adão no paraíso, dizendo, que paraíso é a Igreja catholica, e cuidam, sendo hereges, que estão na Igreja; assim nós oram, ouvem os sermões, e recebem os seus sacramentos.

Assim fazem as nossas Adamianas, porque a mesma desnudez é o seu paraíso, nem se pejam de chegar à tremenda Mesa Eucharistica despeitoradas affectando que o manto ou capinha desobedeçam ás diligencias de se chegarem, quando é cuidado de proposito, o que parece casual descuido. Mas a custo forram a desnudez na parte superior da estatua, cemdobram no precioso dos mais vestidos e adornos. Em Roma não ha muito tempo, diz Caussino, se achou uma urna ou jazigo de marmore, de oito pés de comprimento, e dentro uma rica vestidura, da qual queimada se tiraram trinta e seis libras de ouro; acháram-se mais quarenta anneis de ouro, e um cintilho de esmeraldas; e entre toda essa riqueza os ossos de uma defunta. Mostravam ser mulher alguns vestigios de epitaphio, e quem o quer que era, parece que tanto amara o ornato em vida que o não quiz deixar nem depois de morta. Porque, como disse um dos amigos de Job: Os vicios de cada um, naturalizados por costumes, vão dormir com os seus ossos no pó da sepultura.

Lembra-me a este proposito o que li em uns cadernos da vida de D. Aleixo de Menezes, fidalgo de grande valor e prudencia e outras prendas, que o fizeram digno de se

encommendar ao seu cuidado e ensino a criação d'El-Rei D. Sebastião. Quiz este um dia sair fóra a espairecer, e perguntando-lhe o Estribeiro-Mór que cavallo mandava Sua Alteza sellar, apontou El-Rei um que era rebellão e duro de boca, e demasiadamente fogoso; que por isso mesmo o queria, porque sempre foi desprezador dos perigos. Mas D. Aleixo que estava presente, e via que se lhe acontecesse algum desastre sobre elle haviam carregar toda a culpa, sendo aio d'El-Rei o não impedira, acudiu dizendo:

— Senhor, escolha Vossa Alteza o cavallo que quizer; mas esse não, porque nelle corre perigo o decoro de sua real pessoa.

Enfadado El-Rei com a repugnancia de D. Aleixo, empenhou-se mais em que naquelle havia de montar, e não em outro.

— Pois, Senhor, disse então D. Aleixo, se Vossa Alteza fizer contra a direcção de seu aio no que toca a seu bem, desde aqui me haja por despedido do officio.

Saiu El-Rei para outra sala, mostrando gesto colérico pela liberdade da resposta. E um dos fidalgos que nella estavam, e tinha ouvido os echos da altercação, acudiu logo muito obsequioso a beijar-lhe a mão e applaudir o bom gosto dizendo: que as vontades dos Reis eram soberanas e não escravas. El-Rei, sem embargo de a paixão não ser pouca, e a idade não ser muita, conheceu logo o enganoso toque da adulação, e, voltando para dentro os passos, disse:

— Ó D. Aleixo, mandae sellar o cavallo que quizerdes que já ali fôra me beijaram a mão porque vos fui desobediente.

Ha erros — e este foi um d'elles — que mais credito trazem ao emendar-se, do que desdouro ao commetter-se.

Padre Manoel Bernardes.

A curiosidade

Ha pessoas curiosas de aprender para adquirir conhecimentos que enriqueçam o seu espirito. Ha outras curiosas de saber o modo de vida dos outros. Tão louvavel é a primeira qualidade, como detestavel a segunda.

Ha sujeitos (e tambem sujeitas) que não tomam parte na conversação de uma sociedade; e no vão de uma janella, ou occultos com uma cortina, escutam as conversações particulares, espiando os gestos, o modo de olhar, sem escapar uma palavra a mais indifferente, e interpretando tudo sem se enganar. Se vão procurar ou visitar uma pessoa não é por amizade, é para saberem o que está fazendo ou o que poderá dizer. Logo á entrada da casa, conversam e fazem amizade com o porteiro, para que lhes informe o que passa; sobem a escada, fazem perguntas aos criados, entram nas salas e no gabinete, não dão descanso aos olhos; nada lhes escapa, se o dono da casa está escrevendo, estendem o pescoço para expe-

rimentarem se podem lêr, e finalmente commettem innumeraveis actos reprehensiveis só por saberem a vida alheia. As mulheres então ainda são peiores, quer nas casas onde vão de visita, quer nas suas, não deixam passar um fio de cabello sem que o examinem, isto é, no que toca ás palavras, acções, modo de vida dos vizinhos e conhecidos, porque no que toca ao governo de suas casas, nenhum cuidado têm; saem da cama para a janella, da janella para o almoço, do almoço para a janella, da janella para o jantar, do jantar para a janella, da janella para a ceia, da ceia para a cama, e assim sem interrupção do 1.º de Janeiro a 31 de Dezembro. E as obrigações domesticas? As obrigações domesticas vão para o rol do esquecimento, porque dizem os curiosos ser isto cousa muito insignificante, a que não vale a pena dar menor attenção!!!

Verardi.

FIM

TABOA DAS MATERIAS

Ao leitor.....	Pág. 7
Introdução.....	9

PRIMEIRA PARTE

Da modestia que deve apparecer no meneio do nosso corpo

CAPITULO I. Do meneio e postura do corpo em geral	15
CAPITULO II. Da cabeça, das orelhas e do cabello.....	20
CAPITULO III. Do rosto.....	23
CAPITULO IV. Dos olhos e olhares.....	27
CAPITULO V. Do nariz.....	29
CAPITULO VI. Da boca, dos labios, dentes e lingua.....	30
CAPITULO VII. Dos defeitos na fala e pronuncia.....	34
CAPITULO VIII. Braços, mãos, dedos e unhas.....	36
CAPITULO IX. Joelhos, pernas e pés.....	39

SEGUNDA PARTE

Do decoro com que devemos fazer as acções communs e ordinarias

CAPITULO I. Do levantar-se e deitar-se.....	Pag. 43
CAPITULO II. Da maneira de vestir-se e despir-se.....	45
CAPITULO III. Do trajo.....	47
CAPITULO IV. Da comida.....	50
CAPITULO V. Do que se deve fazer antes da comida.....	53
CAPITULO VI. Do que se deve observar durante a comida.....	55
CAPITULO VII. Do que se deve fazer depois da comida.....	59
CAPITULO VIII. Dos recreios.....	61
CAPITULO IX. Das visitas.....	65
CAPITULO X. Da conversação.....	70
CAPITULO XI. Mais algumas regras de civilidade.....	84
CAPITULO XII. Das cartas.....	88
CAPITULO XIII. Do modo por que hão de os meninos proceder nas igrejas.....	95
CAPITULO XIV. Epilogo.....	99

TERCEIRA PARTE

Exemplos

Verdadeira e falsa polidez.....	103
Desacato na Igreja.....	104
Lucilla.....	105
O menino máo.....	107
O bom menino.....	110
Curiosidade.....	111
Dadivas.....	112

Edições da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

- Compendio de Corographia do Brasil**, pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 1 vol. in-16. Illustrado com numerosas gravuras, contendo um mapa do Brasil e um de cada Estado. 4.^a edição. cart. 3\$000
- Arithmetica Intuitiva** — *curso elementar e medio*, contendo: 2340 exercicios e calculo mental, 900 problemas escriptos e 168 gravuras, por Olavo Freire. 1 vol. de 402 pags. cart. 1\$500
Separadamente: Curso elementar. 1\$000
Curso medio. 1\$000
- Arithmetica Intuitiva** — *curso complementario*, contendo: 1645 exercicios e problemas, 108 problemas resoltos e 136 gravuras, por Olavo Freire. 1 vol. de 352 pags. cart. 1\$500
- Compendio de Pedagogia Escolar**, precedido de um resumo da *Psychologia applicada á educação*, de accordo com o programma da Escola Normal, pelo Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt. 1 vol. cart. 2\$500
- Minha Primeira Viagem á Volta do Mundo**, traducção do Dr. Laet. 1 vol. 3\$000
- Historia do Brasil**, pelo Dr. F. Pinheiro Bittencourt. 1 vol. in-16, com illustrações, cart. 2\$000
- Grammatica Elementar e lições progressivas de composição**, por Hilário Ribeiro, adoptada nas escolas primarias da Capital Federal e de diversos Estados, premiada pelo Jury da Exposição Pedagogica do Rio de Janeiro. Edição revista, emendada e annotada por João Ribeiro. 1 vol. cart. 1\$000
- Breves Noções de Historia Natural**, organisadas segundo o programma de ensino das escolas publicas primarias do Districto Federal, pelo Dr. Carlos de Novaes. 1 vol. com 228 pags. e 203 figuras, cart. 2\$000
- Sciencias Naturaes e Physicas** — Zoologia — Botanica — Physica — Quimica — Physiologia — pelo Dr. Feliciano Rodrigues Fernandes. ensino primario do 2.^o gráo curso medio e superior. 1 vol. com 302 pags. e 259 figuras, cart. 2\$000
- Livro de Exercicios**, para o curso elementar primario da Grammatica portugueza, por João Ribeiro. 1 vol. cart. 1\$000
- Minha Historia Sagrada**, traducção do Dr. Carlos de Laet, obra approvada pelo Eminentissimo Sr. Cardinal do Rio de Janeiro. 1 vol. in-4 francez, illustrado de numerosas e bellissimas gravuras e chromos. 3\$000
- Exercicios Cartographicos**, por Olavo Freire, approvados pelo Conselho Superior de Instrucção Publica da Capital Federal — seis cadernos. 2\$000
- Tratado de Versificação** — A Poesia no Brasil — A Metrica — Generos literarios, por Olavo Bilac e Guimarães Passos. 2.^a edição. 1 vol. cart. 3\$000
- Theatre Infantil** (comedias e monologos em prosa e verso), por Olavo Bilac e Coelho Neto, 2.^a edição. 1 vol. cart. 2\$000